

Cotidiano em Mituaçu: Comunidade negra no sul da Paraíba.

Felipe Agenor de Oliveira Cantalice
Universidade Estadual da Paraíba/CH
*

A comunidade negra de Mituaçu está localizada na cidade do Conde, litoral sul da Paraíba, distante 04 km da área central dessa cidade e 18 km da capital do estado. Essa comunidade rural é constituída de pessoas remanescentes de um quilombo. No entanto, compreendemos por comunidade negra rural um aglomerado formado por pessoas afro-brasileiras que comungam da mesma origem e partilham as mesmas experiências e práticas culturais e com um passado comum, característica identificada em Mituaçu. Visto que os seus moradores comungam da mesma memória, ou seja, a de que são descendentes de três negras escravizadas, e fugitivas do cativo e se alojaram na região e formaram essa comunidade.

Sendo assim tentaremos reconstruir um recorte do viver em Mituaçu, as transformações vividas pelo dia-dia de mulheres, homens e crianças negras e negros. No entanto o cotidiano são todas as ações que o nosso dia-dia nos proporciona (CERTEAU, 1996, p. 31) as experiências no mais variados campos, sejam nos contatos com diferentes pessoas, mesclando aspectos de nossa cultura com outras culturas, formando assim, novas identidades, ou também, assistindo a um programa de televisão ou ainda acessando a internet, o certo é que o cotidiano está em constante movimento, sendo criado e recriado a partir das situações impostas pela necessidade de cada pessoa ou grupo.

A comunidade negra de Mituaçu possui aspectos singulares no que podemos referir ao cotidiano dos moradores, numa entrevista realizada com a senhora Neuza, tentamos iniciar a construção de alguns aspectos sobre o viver em Mituaçu. Sendo filha e neta de moradores da comunidade, temos capacidade de fazer uma estimativa que sua família está na região há pelo menos cento e cinquenta anos, ou seja, concluímos que seus parentes poderiam estar na região por volta de 1857, mas não temos bases para afirmar se eles foram escravos fugidos ou forros, visto que ela os identificou como negros, mas não nos informou sobre a procedência escrava.

* Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas. Este trabalho integra o projeto PIBIC/CNPq - Identidade negra e quilombola na comunidade de Mituaçu – Conde – PB.

Esses primeiros habitantes africanos de Mituaçu viviam basicamente da roça, plantavam batata e macaxeira. A macaxeira era utilizada para o consumo interno e para a fabricação de ferinha, o excedente era comercializado na capital da Paraíba. A farinha era feita nas casas de farinha, as quais Mituaçu possuía três.

Outro meio de alimentação seria a pesca, os moradores de Mituaçu praticavam essa atividade como forma de arrumar alimentos, assim dona Nelza nos diz: “Pescava, arrumava caranguejo, também, camarão” (NELZA, 2007). Nesse sentido certamente o que sobrava eles iam à cidade vender e comprar outros produtos que estavam precisando.

Na maneira de construir suas casas, onde podemos observar que esse aspecto do fazer a moradia vem de tempos atrás. Nesse sentido podemos analisar a fala do senhor Mauricio, morador antigo de Mituaçu, segundo ele as construções das casas no tempo de sua infância era construída de forma rudimentar, usavam o que a natureza lhes oferecia. O escritor Maximiano Machado faz uma referencia a respeito das casas da Jacoca, no meados do século XVII, o qual diz, “A aldeia da Jacóca, como as outras, consistia num agrupamento de pequenas casas de palha” (MACHADO,1977 p.351). Sendo assim podemos perceber que desde o século XVII, que as construções eram rudimentares, ou seja, não existia uma preocupação da parte das autoridades para sanar o problema da moradia nessa localidade, ainda nessa idéia, podemos ter o conceito que mesmo no inicio do século XX, essas questões de moradia ainda eram falhas. No trecho a seguir, o senhor Mauricio irá nos mostrar como se fazia uma casa, nos primeiros anos do século XX, nesse caso especifico será a construção da primeira escola de Mituaçu.

[...] “nesse tempo não tinha madeira serrada assim, era madeira cortada no mato, tudo isso era mato, só tinha essa rua daqui, não tinha mais nada pra lá não. Foi no mato de Euvídio Tavares e cortaram as vara, as paredes eram feitas de barro, cortaram tudo lá e o restante das madeiras tiraram do mangue” [...]. (MAURICIO, 2007)

Comprendemos também, que o povo de Mituaçu tinha um sentimento libertário, pois nessa narrativa, nosso interlocutor nos relata a construção da primeira escola da comunidade, sendo assim, eles tinham uma vontade de querer quebrar as barreiras imposta pelo sistema, pretendiam se educar nas letras para melhor moldar seu futuro. Em antagonismo a esse desejo de liberdade intelectual, encontramos a presença marcante de um fazendeiro da região, o qual

tentava por meio da violência reprimir aspirações de melhores condições para a comunidade de Mituaçu. A escola recém construída foi a pique por motivo de puro “coronelismo” do senhor Euvidio Tavares de Moraes, o qual segundo nosso interlocutor mandou por meio da força que fosse desfeita a escola. Nesse sentido, percebemos um sentimento forte de união entre os moradores, pois segundo o senhor Mauricio, os homens estavam engajando na construção da escola, existia um sentimento comum de querer a melhora da comunidade. Em outro episódio relatado pelo Sr. Mauricio, foi na questão da eletricidade, onde o mesmo fazendeiro tentou barra as linhas de energia para o povo de Mituaçu, onde por essa atitude a sua fazenda ainda continua sem as instalações elétricas por motivo das linhas elétricas passarem por dentro das matas, longe de sua propriedade, visto que foi um desejo do mesmo de não permitir que a transição de energia passasse por suas terras.

[...] “você prestar atenção, vê como esse homem foi ruim pra nois, você prestar atenção a eletricidade passa lá por dentro dos matos, na fazenda lá não tem até agora eletricidade, porque ele não queria que passasse eletricidade pra nois, foi maior guerra” [...] (MAURICIO, 2007)

Com esses dois fatos narrados pelo nosso entrevistado, podemos concluir que, os moradores queriam prosperar mesmo com todas as adversidades que o local poderia impor, seja na tentativa de fazer uma escola, onde esses moradores acreditavam que as letras poderiam lhes garantir melhor futuro tanto para eles como para as futuras gerações. Na tentativa de possuir a eletricidade, onde eles poderiam adquirir mais conforto como, por exemplo, os eletrodomésticos, e foram meio que reprimidos por terceiros. Em contra partida sentimos que representantes das elites tentaram como puderam para frear essa tentativa de avanço da comunidade, será que só pelo ímpio desejo de sempre ter pessoas sem instrução para ser “presas” mais fáceis de seus desejos maquiavélicos?

Mesmo assim com toda a luta dos moradores contra as investidas desse fazendeiro, o senhor Mauricio chama a nossa atenção para o nome da escola de Mituaçu. Pessoas partidárias desse “coronel” insistem em perpetuar na memória dos moradores o nome de uma figura ilustre das classes A. que foi responsável por tentativas de opressão ao povo negro residente em Mituaçu e responsável também por aumentar a discriminação entre os brancos contra negros. Esse homem, Euvidio, tratava os moradores pejorativamente de “negros de Mituaçu” como nos diz o senhor Mauricio. Nesse sentido vemos a revolta do nosso entrevistado quando ele retorna a comunidade (estava no sudeste em busca de melhores condições) e se depara com o nome da

escola homenageando uma pessoa que não contribuiu para o sucesso do povo de Mítuaçu, com isso cita as seguintes palavras,

“Quando eu chego aqui ta o nome do cara na escola, merece o nome desse cara na escola? Meu amigo. É isso que eu quero te dizer! Eu tenho feito tanto, já fui na câmara, já batalhei, já falei com vereador, já falei com o prefeito que já saio, vamos fazer um projeto para tirar o nome desse homem da escola que ele não merece não. Botar um nome de alguém da comunidade né? Claro, principalmente o que deu o terreno para construir, o Antonio Francisco Nascimento, que deu o terreno para construir. Mas esse homem merece o nome aí? Euvidio Tavares de Moraes, ta ali no prédio ali, passar e ver. Ta o nome do cara lá”[...] (MAURUCIO, 2007)

No entanto concordamos com o historiador Jacques Le Goff, no que se refere à construção da memória coletiva. Pois acreditamos que ela deve ser edificada e usada para o usufruto de todos, e não seja usada para promoção de uma classe social ou um grupo, mas para que a coletividade lembre-se de fatos, pessoas ou símbolos que realmente eles se identifiquem, e não de uns nomes ou símbolos impostos por um grupo dominante que tem outras aspirações adversas a coletividade. “Que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (Le Goff, 1996, p. 477)

A comunidade de Mítuaçu pelo que podemos perceber é constituída de pessoas da cor negra que são membro de famílias antigas na região. Perguntando a opinião do senhor Mauricio e da senhora Neuza, ambos responderam que a maioria dos moradores são negros, “Nesses tempos, nois era, não. Nois somos, só tinha mais negro aqui em Mítuaçu mesmo, era tudo da minha cor ou então mais fechado” (MAURUCIO, 2007) na visão da senhora Neuza seria assim,

Negro tudinho! [...] È aqui em Mítuaçu são tudo negro. A maioria da população. Tudinho, agente que vê de fora mais claro da cor, assim como vocês, não é daqui. Já se sabe que não é daqui. É, todo mundo sabe [...] Mas a maioria é negro então? Tudinho. (Neuza, 2007)

Vale acrescentar que eles se vêem como pessoas de origens africanas, pois na fala do senhor Mauricio ele reforça “Nois somos” querendo informar que realmente são negro, a senhora Neuza também confirma essa identidade dizendo que são “Negro tudinho”.

Percebemos como já foi citado em oportunidades anteriores, o fato de a região ser explorada no que se refere a sua biodiversidade, antes pelos portugueses e holandeses, mais recente o senhor Mauricio nos revela que,

era tudo mata aqui e veio um senhor, eu me esqueço o nome dele, comprou o mato para tirar lenha, [...] esse desmatamento aí, eles foram até a barra e voltaram nesse outro rio aí, e desmataram acabaram com as matas todas aí ó! Toda, todinha todinha. Isso foi em 1950. (MAURUCIO, 2007)

Com essas práticas de furtar as áreas quilombolas, os moradores sempre vivem com essa ameaça de uma possível tentativa de invasão de suas terras, atualmente existem propriedades de terras fronteiriças que invasões ao território quilombola de Mituaçu, seja pela força ou por outros meios, sempre tentam usurpar essas áreas. O importante é perceber que sempre os moradores das áreas quilombolas lutam contra esses assédios de suas terras e hoje possuem o reconhecimento de área quilombola pela Fundação Palmares. As teorias do Ginzburg são também evidentes na entrevista do senhor Mauricio, pois segundo ele, os moradores de Mituaçu nos meados do século XX, não sabiam jogar futebol como conhecemos, eles jogavam uma adaptação do esporte, pois eles recriaram a sua maneira o jogo, o goleiro, por exemplo, ficava no meio do campo. No entanto, eles tiveram influências da capital paraibana e com isso foram construindo novas identidades. Sua cultura se chocou com a dos passastes que de vez por outra apareciam seja para trabalhar no corte de madeiras, ou seja, em relacionamento de comércio ou até mesmo afetivos, o certo é que segundo Sr. Mauricio, eles aprenderam muito com os homens que foram na década de cinquenta extrair a madeira nativa. Aprenderam a tocar instrumento, fazer tamancos, jogar futebol, ou seja, as culturas se chocaram e nesse embate forjaram-se novas culturas, ou seja, foram traçadas nesses encontros. (GINZBURG, 2006, p.189) Também seria oportuno lembrar as palavras do Hall (HALL, 2007, p.13) e dizer que as identidades são líquidas, e não se tornam cristalizadas com o tempo, os moradores de Mituaçu como qualquer humano, teve nesses encontros uma plasticidade em seu “eu”, e com esses vai-e-vem de identidade e culturas foram sendo forjados os quilombola de ontem e os de hoje. (LACLAU apud HALL, 2007, p. 18)

Referencias bibliográficas

CERTEAU, Michael de. **A INVENÇÃO DO COTIDIANO**. Petrópolis: Vozes, 1996

GINZBURG, Carlo. **O QUEIJO E OS VERMES**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. **IDENTIDADE CULTURAL NA POS-MODERNIDADE**. Rio de Janeiro: DPeA, 2003.